

## DIÁRIO DE NOTÍCIAS (SALVADOR)

Jornal baiano diário e vespertino fundado por Manuel da Silva Lopes Cardoso e lançado no dia 13 de março de 1875. Saiu de circulação em 1980.

### DO IMPÉRIO AO FIM DA PRIMEIRA REPÚBLICA (1875-1930)

Ao contrário dos principais jornais da época, frutos da política partidária, o *Diário de Notícias* foi em suas primeiras fases um órgão rigorosamente noticioso, desvinculado de qualquer partido ou facção política. Isso se explica pelo fato de ter ele surgido como um empreendimento de caráter eminentemente comercial. Era a única fonte de renda de seu proprietário, o português Lopes Cardoso, que se dedicou à empresa jornalística depois de sucessivos fracassos em outras atividades comerciais e de incursões infrutíferas no campo teatral. É o próprio Lopes Cardoso que, na edição comemorativa de 1885, reporta que, para angariar o dinheiro necessário para a compra de uma pequena tipografia e para a publicação do primeiro número do jornal, teve que “bater de porta em porta”, em busca de amigos que se dispusessem a comprar assinaturas antecipadas e espaços para anúncios no jornal. O modelo e o nome do novo vespertino foram copiados do *Diário de Notícias* de Lisboa.

Depois da morte de Lopes Cardoso (23/6/1887), a direção e a redação do jornal passaram às mãos de Eduardo De Vecchi. A postura conservadora do *Diário de Notícias* foi preservada, bem como sua pretensa neutralidade em relação às questões políticas. O jornal continuou a ser editado em quatro páginas. Metade era ocupada pelo noticiário local, nacional e internacional, e pela publicação seriada de romances, e metade compunha-se de anúncios diversos.

Nessa segunda fase (1887-1898), como na anterior, o *Diário de Notícias* não se engajou em campanhas dignas de destaque. Contudo, desencadeou ferrenhos ataques contra o governo Rodrigues Lima (1892-1896), acusado de corrupção. Esses ataques recrudesceram quando da duplicação do Legislativo estadual (março 1895), resultado de acirradas disputas entre as facções políticas locais.

Em 1898, o *Diário de Notícias* foi arrematado em hasta pública por uma sociedade cujo principal acionista era o governador do estado, o conselheiro Luís Viana (1896-1900). Transformado em porta-voz do governo, o jornal assumiu feição nitidamente política e

partidária. A fase de domínio vianista durou apenas dois anos, em virtude da perda de apoio doméstico do governador. Os efeitos da crise econômica de 1896-1897 e o fracasso de sucessivas expedições militares enviadas pelo governo para combater Antônio Conselheiro e seus seguidores em Canudos, foram fatores decisivos na forte oposição que a burguesia agrocomercial manifestou em relação ao governo estadual. Em decorrência, o prestígio e a carreira política de Luís Viana entraram em colapso, arrastando o *Diário de Notícias*, que deixou de circular em fins de 1900. Dois anos depois, foi vendido ao coronel Vicente Ferreira Lins do Amaral, mas só voltou a ser editado no dia 16 de março de 1903.

Dirigido por José Luís Marques e tendo como redator-chefe Virgílio de Lemos, experimentado jornalista e homem de letras, o *Diário de Notícias* ressurgiu em novos moldes e com oito páginas. Através de articulistas de fôlego, como Virgílio de Lemos, Xavier Marques, Castro Rebelo, Aristides Milton e Afrânio Peixoto, adotou postura combativa e vigilante. Entre as campanhas de interesse público desenvolvidas pelo jornal nessa fase (1903-1919), destaca-se aquela voltada contra a Campanha Circular, responsável pelos transportes urbanos em Salvador. Os títulos dos editoriais então publicados — “Fora a chicana!” e “Eis o gato...”, por exemplo — dão uma medida da combatividade do jornal na denúncia de privilégios outorgados àquela companhia e de irregularidades na composição da sua diretoria.

Na campanha de 1909-1910 para a sucessão presidencial, o *Diário de Notícias* identificou-se com o civilismo de Rui Barbosa, atacando, em contrapartida, a candidatura do marechal Hermes da Fonseca. Com a vitória do marechal Hermes e a subsequente ascensão de J. J. Seabra ao governo da Bahia (1912-1916), o jornal assumiu feição oposicionista, amenizada por uma pretensa atitude de neutralidade. Somente em 1919, quando as facções oposicionistas locais coligaram-se no combate ao seabrismo, o jornal manifestou-se vigorosamente contra Seabra. No plano nacional, defendeu a candidatura de Rui Barbosa em oposição à de Epitácio Pessoa. Na esfera internacional, apoiou a Alemanha, na Primeira Guerra Mundial. Essa posição do *Diário de Notícias* refletia não somente os sentimentos germanófilos de seu proprietário, coronel Ferreira do Amaral, mas também a grande dependência da elite comercial baiana (da qual o jornal era porta-voz) em relação a firmas e capitais alemães. O embargo interposto ao comércio com a Alemanha teve efeitos catastróficos para a economia baiana de modo geral e para o *Diário de Notícias* em

particular. Ainda em 1919 o jornal foi vendido a uma sociedade anônima integrada por grandes comerciantes e dirigida pelo redator-chefe do vespertino, professor Altamirando Requião.

Juntamente com Antônio Marques dos Reis (secretário) e Hermano Santana (tesoureiro), Altamirando Requião deu novo impulso e vitalidade ao *Diário de Notícias*. Seus artigos, em linguagem audaciosa e vibrante, tiveram grande penetração na sociedade baiana, provocaram acirradas polêmicas e contribuíram decisivamente para a crescente tiragem do jornal. Com incansável vigilância, mas dentro dos limites da prática política da elite em oposição, o jornal apontava as irregularidades dos governos de Antônio Muniz (1916-1920) e mais uma vez de J. J. Seabra (1920-1924). Mas depois de 1924, quando as oposições coligadas levaram Francisco Marques de Góis Calmon ao governo do estado, o jornal arrefeceu sua combatividade, identificando-se com o grupo no poder.

#### DA REVOLUÇÃO DE 1930 À CRISE FINAL

A posição do *Diário de Notícias* em relação à Revolução de 1930 evoluiu do combate ao aplauso, de acordo com o desenrolar dos acontecimentos. A princípio, o jornal manifestou descrença e mesmo escárnio diante da atuação dos aliancistas ao tempo em que defendia a salvaguarda da ordem estabelecida. Editorial de fevereiro de 1930 — “Sairá desta vez a revolução apregoada?” — garantia que a revolução não se concretizaria jamais, “porque revolução não se faz de boca, nem contra as aspirações pacíficas de um povo, que, exclusivamente, precisa de ordem, de prosperidade e de bons governos”.

Após as eleições de 1º de março, que deram a vitória à chapa Júlio Prestes-Vital Soares, o *Diário de Notícias* reafirmou seu apoio ao governo constituído e assegurou que os liberais já estavam conformados com a derrota. A partir de 4 de outubro, apenas noticiou a eclosão de movimentos armados, no Norte e no Sul do país, dando destaque às “grandes providências do governo federal para a defesa das instituições” e manifestando orgulho pela presteza com que, na Bahia, se organizava a reação contra os revoltosos. Mas a 24 de outubro, consumada a deposição e a prisão do presidente Washington Luís e instalada a junta governativa, o jornal anunciou em grandes letras vermelhas a vitória da revolução, congratulando-se com as manifestações do povo baiano que, “ordeiro e brasileiríssimo, vibra de entusiasmo pelas ruas”. Sob o título “A grande revolução”, o editorial do dia

seguinte indicava que, numa guinada de 180 graus, o *Diário de Notícias* passara a apoiar os novos donos do poder.

A campanha movida pelo *Diário de Notícias* contra a centralização das exportações de cacau, intentada no governo Artur Neiva (fevereiro a julho de 1931) é das poucas que merece destaque no período pós-revolução. A determinação do governo de concentrar as exportações de cacau no porto de Salvador atendia à tendência centralizadora do estado — reforçada pela crise econômica de 1929 — e, particularmente, visava a um maior controle sobre as arrecadações alfandegárias. Mas, em contrapartida, tratava-se de medida que feria frontalmente os interesses dos cacauicultores e exportadores de Ilhéus, principal município produtor de cacau. Os artigos do *Diário de Notícias* a favor da descentralização foram determinantes para a vitória final dos ilheenses: o cacau continuou também a ser exportado pelo porto de Ilhéus, a despeito de suas instalações precárias.

No plano político, o *Diário de Notícias* prestigiou todos os governos pós-revolução, principalmente o de Juraci Magalhães, que foi o mais duradouro (setembro de 1931 a novembro de 1937), e tornou-se eficiente porta-voz do Partido Social Democrático (PSD), agremiação situacionista. Em retribuição ao apoio recebido, Juraci Magalhães, chefe do partido, incluiu o nome de Altamirando Requião (que na época já era proprietário único do jornal) na chapa do PSD para as eleições federais de outubro de 1934. Altamirando foi o deputado federal que obteve a mais expressiva votação no estado. Até o golpe de 1937 e mesmo depois, o *Diário de Notícias* serviu de suporte à elite no poder.

Em fins de 1939, Altamirando vendeu o jornal a Antônio Balbino de Carvalho Filho e a Rafael Spinola. Segundo o próprio Altamirando, vários fatores levaram-no a desfazer-se do jornal. Primeiro, a deflagração da Segunda Guerra Mundial tornou insuperáveis as dificuldades para a importação do material necessário à feitura do jornal. Segundo, Aluísio de Castro, que na época havia assumido a gerência do jornal, passara a fazer oposição ao governo do interventor federal Landolfo Alves (1938-1942), e, sem o apoio governamental, considerava Altamirando, uma empresa jornalística dificilmente teria condições de sobreviver na Bahia. Por último, Altamirando decidira abandonar a atividade jornalística, devido aos estreitos limites de atuação de um jornal num regime ditatorial. Os desgostos com o jornalismo acumularam-se ao longo dos anos. Em 1933, por exemplo, entrara em atrito com a Igreja, ao publicar denúncias de ordem moral contra um padre, secretário do

arcebispo. Essas denúncias, estampadas no jornal, valeram-lhe um processo e a condenação à prisão, da qual escapou graças a recurso *strictu sensu* interposto ao Tribunal de Justiça da Bahia.

No plano internacional, a posição do *Diário de Notícias* em relação à Segunda Guerra Mundial foi de integral apoio às potências do Eixo, especialmente à Alemanha. Em que pese a consideração do fator ideológico, razões de ordem econômica ligavam estreitamente a burguesia comercial baiana à Alemanha. Poderosas firmas alemãs, como a Westfalen Bach, eram responsáveis por grande parte das exportações de cacau e pela importação de artigos manufaturados requeridos pelas altas classes baianas. Em consequência, a posição germanófila do *Diário de Notícias* contribuiu para aumentar-lhe a tiragem. Mas a partir de agosto de 1942, quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, a situação do jornal tornou-se insustentável: foi ameaçado de empastelamento por populares que, aos gritos de “Ao *Diário de Notícias!*”, invadiram a sede do jornal e danificaram suas máquinas. Antônio Balbino entregou o jornal ao coronel Franklin Lins de Albuquerque que, segundo o escritor Wilson Lins de Albuquerque, havia sido seu avalista na compra do vespertino. Durante cerca de um ano, o jornal foi impresso nas oficinas de *O Imparcial*, do qual também era proprietário o coronel Franklin de Albuquerque.

Em 1943 o *Diário de Notícias* foi vendido por trezentos contos de réis a Assis Chateaubriand, passando a integrar a rede dos Diários Associados. Graças à atuação jornalística de seu novo diretor, o pernambucano Odorico Tavares, o jornal inaugurou nova fase, caracterizada pelo estímulo às artes e às letras, promovendo uma revolução cultural na Bahia.

No que se refere à linha política, o *Diário de Notícias* continuou fiel à sua tradição conservadora, servindo de suporte à elite no poder, sem se empenhar em qualquer campanha digna de registro. Como todos os jornais baianos, apoiou o golpe militar de 1964. Em fins de 1979, foi atingido pela crise que feriu a todo o Condomínio Associado. Na Bahia, o Grupo Nordeste, do empresário Pedro Irujo, adquiriu a TV Itapoã e a Rádio Sociedade, empresas do Condomínio Associado, mas não aceitou a inclusão do *Diário de Notícias* na negociação. No dia 8 de novembro de 1980, o jornal foi adquirido por um pequeno grupo que o submeteu a uma reformulação gráfica e editorial, com ênfase no

noticiário policial. Não foi obtido sucesso, porém. Alguns meses depois, após mais de um século de circulação, suas velhas máquinas foram definitivamente paradas.

### EVOLUÇÃO TÉCNICA

O *Diário de Notícias* começou a circular em condições precárias, com uma velha máquina impressora cedida a crédito pelo comendador Manuel Brandão. Durante 25 anos, não sofreu qualquer modificação técnica significativa. Somente em 1903, quando passou à propriedade de Vicente F. Lins do Amaral, as instalações e a maquinaria do jornal foram submetidas a reformas. Uma máquina rotativa e um aparelho de dobrar foram comprados à firma Koenig and Bauer, de Nuremberg, Alemanha. Também as oficinas de estereotipia foram renovadas.

Quando do fechamento de suas oficinas, o *Diário de Notícias* ainda conservava o mesmo sistema tradicional de composição, estereotipia e impressão. A única tentativa de modernização deu-se em 1958, com a compra de uma rotativa Goss. Quando do seu desaparecimento, era o único jornal em Salvador cuja impressão não era feita pelo sistema *offset*.

*Consuelo Novais Sampaio*  
colaboração especial

FONTES: *Diário de Notícias* (1875-1979); ENTREV. ALBUQUERQUE, W.; ENTREV. REQUIÃO, A.; ENTREV. SAMPAIO, A.